

Introdução

A ideia do Departamento de História de marcar a aposentação ou jubilação de um professor, reunindo em volume alguns dos estudos que por ele foram sendo publicados ao longo da carreira universitária e que naturalmente se encontram dispersos por várias Revistas e Actas de Congressos, parece-me excelente como sinal de estima e de respeito, para além de potencialmente útil para todos e fecunda para o Departamento. Acresce que, no que a mim diz respeito, a vontade de juntar textos afins, dados a público em circunstâncias diversas e desgarradas, mas interligados por alguma coerência interna, e de os publicar em livro ou em livros, é um desígnio que, por esta via, começa a ser concretizado mais depressa do que o imaginava.

A dificuldade surgiu quando, para este fim específico, foi preciso seleccionar artigos. Que critérios? Num universo de mais de 150 textos dados à estampa é difícil aplicar um critério objectivamente válido para seleccionar uns tantos. O que diria um pai com um rancho de filhos se o convidassem a indicar o nome de um ou dois deles para receber um prémio?

Pareceu-me óbvio que devia escolher uns tantos que fossem representativos das áreas de investigação que mais tenho cultivado, a saber: história dos concelhos e do municipalismo, história da educação e da alfabetização, história do Douro e do vinho do Porto, história da cidade do Porto. E naturalmente um ou outro de história geral a que nunca deixei de dar atenção, directa e indirecta.

Mas mesmo dentro desse critério havia várias escolhas possíveis. Os que destaquei são aqueles que entendi que seria oportuno juntar para corresponder ao desafio simpático que me foi dirigido. Não sei se são os melhores. Nem sequer posso dizer que são os que me agradam mais. Mas todos têm a sua história. Uns foram marcantes na minha carreira profissional, tais como a dissertação complementar de doutoramento sobre as capacidades de escrita (e de leitura) daqueles e daquelas que na primeira metade do século XVII deixaram marca da sua passagem institucional pela Câmara do Porto ou a lição proferida nas Provas de Agregação acerca do diálogo entre o poder central e o poder local no quadro das Cortes seiscentistas. Outros surgiram dentro de um contexto de investigação, que me é caro manter na memória, qual é o projecto do GEHVID (Grupo de Estudos de História da viticultura duriense e do vinho do Porto). Se já

durante as pesquisas para a dissertação de doutoramento me dei conta da importância económica do vinho de Cima Douro para o progresso da urbe portuense, vim depois a confirmar o seu protagonismo, a vários títulos, no panorama da agricultura portuguesa da época moderna, com papel muito importante não só na alimentação quotidiana dos portugueses como nas negociações diplomáticas com a Inglaterra na segunda metade do séc. XVIII.

A história das instituições municipais preencheu muitas horas da pesquisa no projecto que culminou com a dissertação doutoral. E nunca mais abandonei o tema. Mas como historiador que tento ser, sempre entendi que, sendo indispensável conhecer a estruturação jurídica dos concelhos, isso não basta. É preciso conhecer as pessoas que deram vida às instituições e as fizeram funcionar, talvez de modo nem sempre condizente com o modelo legal. Daí que haja muitos nomes de homens e mulheres com identidade própria nos meus trabalhos. E que a sociedade portuense, sobretudo a que deteve o poder (os poderes), continue a povoar o meu universo de investigador. Essa sociedade é também aquela que soube criar e desenvolver práticas de solidariedade e de humanismo no interior das Confrarias e das Irmandades.

Do mesmo modo, as personalidades portuenses têm despertado em mim alguma atenção e vontade de as conhecer. A figura de Camilo Castelo Branco, um homem que amou a cidade do Porto mas também detestou alguns tiques da sociedade portuense, é para mim fascinante desde o tempo, já longínquo, dos estudos secundários. Acresce que, no meu entendimento, a literatura e a história são parentes próximos que não se devem confundir mas também não se devem ignorar.

A História local tem ocupado muito tempo nos meus projectos de pesquisa, não porque a olhe como um fim em si mesma mas porque julgo que, num tempo de afirmação e sobreposição do global, como é o nosso, o local pode e deve constituir uma reserva de salvaguarda da identidade e das identidades. Aliás, o global e o local, por paradoxal que isso pareça, convivem muito bem. Talvez por isso o meu interesse continuado pelo estudo dos forais manuelinos, que para além de investigações sobre as terras, podem ser fonte idónea para trabalhos geograficamente mais abrangentes, como é o caso das pescas.

Finalmente os Filipes. Durante uma época da minha vida investi muito no conhecimento desse período mal amado (mal conhecido) da nossa história nacional. Julgo que dessa labuta resultou um pequeno contributo para uma visão mais serena e mais verdadeira dessas seis décadas, que estão longe de constituir um tempo homogéneo, não obstante a homonímia dos três sucessivos reis favorecer tal entendimento. Com a inclusão de dois textos sobre Filipe II e Filipe III pretendo evocar temas da minha original predilecção e deixar claro que para mim houve e há mais História para além do Porto, do vinho, dos concelhos e da alfabetização.

INTRODUÇÃO

Para que esta montagem fosse materialmente possível foi necessário digitalizar e copiar alguns trabalhos mais antigos. Sem a colaboração e a boa vontade das funcionárias não docentes, Dr.as Idalina Azeredo, Susana Cunha e Sílvia Trilho, isso seria complicado. Por isso aqui fica o meu «muito obrigado» às três.

O voto final, para além do agradecimento ao Departamento de História e à Faculdade de Letras na pessoa do Prof. Jorge Fernandes Alves, é que esta publicação seja útil e, se possível, constitua estímulo para outros trabalhos.

Francisco Ribeiro da Silva

FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA